

## **Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa**

**Luís Vicente Baptista**

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade NOVA de Lisboa

**Jordi Nofre**

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade NOVA de Lisboa

**Maria do Rosário Jorge**

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade NOVA de Lisboa

### **Resumo**

Mobilidade e turismo aparecem como fatores centrais das transformações urbanas que ocorreram no sul da Europa ao longo das últimas décadas. Em particular, a recente turistificação nas áreas centrais das maiores ‘cidades post-recessão’ está muito ligada aos processos de gentrificação transnacional e turística. Pretendemos, com este artigo, contribuir para a compreensão das intensas mudanças que se verificam no centro da cidade de Lisboa, resultantes das dinâmicas globais e das políticas públicas de turistificação e ludificação do espaço urbano como estratégia de renovação do centro da cidade.

Palavras-chave: mobilidade, cidade, turismo.

*Mobility, city and tourism: Clues to analyse current urban transformations in Lisbon city centre*

### **Abstract**

Mobility and tourism are two central factors of urban transformation in post-recession southern European cities, where the recent touristification is much related to other complementary processes such as transnational and tourist gentrification. In this article, we intend to contribute to the understanding of the intense changes that take place in the center of the city of Lisbon resulting from global dynamics and the state-led touristification and leisurisation of the urban space as a strategy for renewing the city center of Lisbon.

Keywords: mobility; city; tourism.

*Mobilité, ville et tourisme: clues pour analyser les changements au centre historique de Lisbonne*

**Résumé**

La mobilité et le tourisme sont deux facteurs centraux de la transformation urbaine dans les villes d'Europe du Sud après la récession, où la touristification récente est étroitement liée à d'autres processus complémentaires tels que la gentrification transnationale et touristique. Dans cet article, on a l'intention de contribuer à la compréhension des changements intenses qui se produisent dans le centre de la ville de Lisbonne résultant des dynamiques globales et des politiques publiques de touristification et de récréation de l'espace urbain comme stratégie pour renouveler le centre-ville.

Mots clés: mobilité; ville; tourisme.

*Movilidad, ciudad y turismo: Pistas para analizar las transformaciones en curso en el centro histórico de Lisboa.*

**Resumen**

Movilidad y turismo aparecen como dos factores fundamentales de transformación urbana en las ciudades del sur de Europa, en donde la reciente ola de turistificación en sus áreas centrales está íntimamente ligada a procesos de gentrificación transnacional y turística. En este artículo, pretendemos contribuir a la comprensión de los intensos cambios que se producen en el centro de Lisboa que surge como resultado de las dinámicas globales y de la creación e implementación de políticas públicas turistificadoras y ludificadoras del espacio urbano como estrategia de rejuvenecimiento del centro de la ciudad.

Palabras clave: movilidad; ciudad; turismo.

## 1. INTRODUÇÃO

*Uma tarde de sábado de setembro de 2017. Lisboa. Um turista circula no meio da multidão que pretende subir a Rua do Carmo. Em conversa com amigos diz que, apesar de estar a algumas horas de casa (de avião), mantém o conforto que tem aí porque em qualquer local para onde viaje sabe como encontrar o que lhe pode faltar. Não precisa de grandes malas, nem de dinheiro vivo e pode a qualquer momento com alguns cliques tomar decisões e, por isso, a qualquer momento pode ir para onde quiser.*

O que ressalta desta perceção é o estabelecimento de uma linha de separação muito mais tênue entre viver num lugar e visitar outro local. Ainda que se trate de um processo que ocorre com grande intensidade, é historicamente muito recente o acesso de uma grande parte da população mundial a um conjunto de meios de deslocação que mudaram profundamente o modo de nos movermos em contextos territoriais desconhecidos. Não só a mobilidade por via aérea se generalizou, como também a deslocação nas cidades, sejam destinos turísticos ou de negócios, foi simplificada pela disponibilidade permanente de informação nas plataformas móveis ligadas

à internet, sem que o *homo mobilis* (Amar, 2010) sinta que perde o controlo na relação com os territórios alheios.

Mobilidade e turismo aparecem como dois fatores de transformação espacial, económica, social e cultural que afetam os territórios contemporâneos, especialmente no sul da Europa. Recentemente, a Organização Mundial do Turismo (2017) informou que o turismo é a única economia global em crescimento, enquanto o jornal britânico *The Guardian* (2017) afirmou que o turismo deve ser visto como “colete salva-vidas” para as cidades do sul da Europa fortemente afetadas pela última recessão económica. Todavia, a recente onda de intensa turistificação nas áreas centrais das maiores ‘cidades’ (Roberts *et al.*, 2016) do sul da Europa como Madrid, Roma, Barcelona e Lisboa – entre muitas outras – está muito ligada aos processos de gentrificação transnacional e gentrificação turística (Füller e Michel, 2014; Cocola-Gant, 2018; Barata-Salgueiro *et al.*, 2017; Mendes, 2018). Em particular em Lisboa, este complexo processo não-linear de mudança urbana é baseado, entre outros fatores, (i) na expansão da instabilidade geopolítica na última década em mercados recetores de fluxos turísticos como o Magreb, o Egipto e outros países do Médio Oriente (Basu e Marg, 2010); (ii) no surgimento do imobiliário turístico e hoteleiro como um *campo seguro de investimento* em tempos de volatilidade nos mercados financeiros; e (iii) na adoção do turismo e lazer como estratégias centrais defendidas por muitas administrações locais e nacionais no sul da Europa para superar os impactos sociais e económicos resultantes da recessão económica (a partir de 2008).

Pretendemos, com este artigo, contribuir para a compreensão das intensas mudanças que se verificam no centro da cidade de Lisboa – antes desvalorizado e degradado – resultantes em grande medida da criação e implementação de políticas públicas de turistificação e ludificação do espaço urbano como estratégia de renovação do centro da cidade. Após uma breve discussão teórica sobre o papel da mobilidade e do turismo como fatores de competitividade urbana entre cidades globais, o artigo explora o conjunto de políticas públicas aprovadas pela Câmara Municipal de Lisboa e pela administração nacional que têm contribuído para a recente turistificação dos bairros históricos da cidade. Os resultados apresentados na segunda parte do artigo baseiam-se no trabalho de campo “ambientalmente fundamentado”, realizado por J. Nofre, em Alfama (2015-2018) e no Bairro Alto (2010-2017) (Nofre *et al.*, 2016, 2017; Nofre e Martins, 2017; Nofre e Malet-Calvo, 2018; Sequera e Nofre, *no prelo*).

## **2. Mobilidade, turismo e competitividade urbana global: um debate em aberto**

Não é nova a questão da mobilidade. Sabemos que a deslocação de pessoas, grupos, de populações organizadas étnica, política ou religiosamente é, de forma mais ou menos intensa, de

forma mais ou menos recente, uma dinâmica central na vida de todas as sociedades humanas. Para além das migrações produzidas pelas alterações climáticas e pelos conflitos bélicos, e do também generalizado movimento de populações quer por motivos lúdico-turísticos ou laborais, que percorrem todo o planeta, interessa salientar que a mobilidade espacial passa progressivamente a ser vista como um direito (uma possibilidade generalizada e democratizada), mas também como uma necessidade que se exige nas atuais circunstâncias de globalização do mercado de trabalho (Flamm e Kaufmann, 2006)<sup>1</sup>.

Mas esta mobilidade física dos indivíduos nas sociedades contemporâneas corresponde a uma possibilidade vivida de forma muito diferenciada consoante os capitais acumulados. Nesse sentido, a mobilidade espacial, enquanto materialização do processo de mobilidade social, está intimamente ligada à forma como o capital económico e o capital social se transformam em capital de mobilidade (Kaufmann *et al.*, 2004). O *homo mobilis* (Amar, 2010), portanto, nasce como elemento *sine qua non* da lógica do capitalismo global, ao mesmo tempo que constitui um novo objeto de análise sociológico povoado por emergentes atores: estudantes internacionais de ensino superior (e.g., estudantes Erasmus); académicos e investigadores em mobilidade internacional; trabalhadores transnacionais (qualificados ou não; formais e informais); refugiados e outros migrantes; reformados transnacionais; turistas, visitantes e viajantes; e neo-nómadas (incluindo ‘velhas tribos’ como os Roma, ou ‘novas tribos’ como os *hippies e novas comunidades de sentido*). Ao mesmo tempo, a mobilidade transnacional está ligada ao desenvolvimento de relacionamentos e identidades que frequentemente se estendem a múltiplas localidades.

O turismo, entendido como uma forma de mobilidade temporária orientada para o lazer, é moldado pelas práticas contemporâneas de consumo, produção e estilo de vida. As implicações do turismo como forma de mobilidade temporária remetem para a mobilidade como uma forma de capital social (Amar, 2010), com visíveis impactos nos territórios, urbanos e globais. A crescente competição entre cidades globais para melhorar o seu posicionamento no mercado turístico internacional deve ser entendida como resultado de um *tourist turn* que tem reconfigurado espacial, económica, social e culturalmente a cidade pós-industrial. Nesse sentido, e como resultado do *tourist turn*, o *status* do turismo mudou aos olhos dos responsáveis

<sup>1</sup> Isto é especialmente relevante na maior parte das chamadas sociedades ‘ocidentais’ e em alguns países asiáticos com políticas neoliberais agressivas, como por exemplo a China ou o Japão, como requisito comum para a contratação no mercado de trabalho. Esta pressão aumenta em contextos de elevados níveis de desemprego, onde, frequentemente, à necessidade de adaptação se associa a necessidade de deslocações quotidianas ou de mudança residencial. Esta realidade tem mesmo levado alguns autores a introduzir o conceito de *motility* (“motilidade”), que se define como a capacidade de um indivíduo tirar partido das inúmeras possibilidades de mobilidade e utilizar essa capacidade motorizada para planear os seus projetos pessoais (Flamm e Kaufmann, 2006).

municipais das políticas públicas urbanas. Enquanto o turismo urbano era considerado uma atividade económica secundária na cidade capitalista até ao final dos anos 1980, a desindustrialização e a progressiva terciarização, juntamente com a revalorização económica e cultural das áreas centrais da cidade pós-industrial, contribuíram para transformar muitos centros urbanos em “teatros do consumo” (Ritzer, 2010). Mas simultaneamente, a turistificação do centro da cidade (Ashworth e Page, 2011; Judd e Fainstein, 1999; Knafou, 2012) serve também como uma fonte de oportunidades em termos de empregos para jovens e adultos jovens qualificados e não qualificados, para o empreendedorismo e novas formas de lazer (Rath, 2005). Para os principais centros urbanos, o turismo tornou-se uma componente fundamental da economia urbana. No entanto, isso não ocorreu sem consequências económicas, sociais e culturais conflituais. Este é o caso de Lisboa.

### **3. Breves notas sobre o turismo e reconversão urbana de Lisboa**

Ao longo dos últimos anos, o número de passageiros de cruzeiros em Lisboa aumentou de 164.259 em 2002 para 241.557 em 2004, 500.872 em 2014 e 522.497 em 2016 (Administração do Porto de Lisboa, 2006, 2014, 2016), enquanto o número de passageiros que aterrou no aeroporto de Lisboa passou de 5.243.954 em 2004 para 11.254.738 em 2016 e mais de 26 milhões em 2017 (Turismo de Portugal, 2014, 2017). Além disso, o número de hotéis localizados no município de Lisboa também aumentou, passando de 93 em 2009 para 167 em 2016, registando-se um aumento de dormidas nos estabelecimentos hoteleiros nos últimos anos – de 5.715.176 dormidas em 2009 para 9.996.817 em 2015<sup>2</sup>. Simultaneamente, a cidade tem 13.051 apartamentos turísticos<sup>3</sup> – mais de 80% concentrados nos bairros históricos do centro da cidade – para 0,5 milhões de residentes, o que situa Lisboa como uma cidade mais turistificada do que Barcelona (com 18.866 apartamentos para 1,6 milhões de residentes) e Madrid (15.290 apartamentos para 3,1 milhões de residentes). Além da consolidação de Lisboa no mercado turístico global como *city-break destination* de referência mundial, interessa salientar aqui a necessidade de analisar a construção do enquadramento legal para o apoio público na turistificação dos bairros históricos do centro de Lisboa.

<sup>2</sup> Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros, segundo os dados da PORDATA (consult. 13 setembro de 2017; disponível em <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>).

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.airdna.co/market-data/app/pt/lisboa/lisbon/overview>.

**Figura 1. Grupo organizado de turistas sénior entrando no bairro da Sé pela Porta do Mar**



Fonte: Jordi Nofre (2018)

Vinte e cinco anos depois da declaração de Alfama e Mouraria como *Áreas Críticas de Recuperação e Reconversão Urbanística* (Decretos Regulamentares n.º 60/1986 e 61/1986, de 31 de Outubro) a Câmara Municipal de Lisboa publicou dois documentos fundamentais para pensar a reabilitação urbana dos bairros históricos do centro da cidade. O primeiro é a *Carta Estratégica de Lisboa 2010-2024*, que coloca o rejuvenescimento da cidade como o primeiro desafio estratégico no planeamento da cidade<sup>4</sup>. O segundo, a *Estratégia para a Reabilitação Urbana em Lisboa 2011-2024* (ERUL) visa, entre outros objetivos, o “rejuvenescimento do centro da cidade, a atração de novas famílias, empregos e negócios” (ERUL, 2010:13), assim como “Manter a memória da cidade, restaurar o património histórico, arquitetónico e paisagístico de Lisboa” (ERUL, 2010:13). Para isso, a ERUL prevê a criação de um “novo mercado de arrendamento habitacional para jovens e jovens de classe média” (ERUL, 2010:8). Interessa salientar que este documento prevê reforçar a relação triangular turismo/lazer/habitação (Relatório 4 – ERUL, 2010:10) como uma das principais recomendações para a renovação da competitividade urbana de Lisboa. Daí que a ERUL aposte no fortalecimento da promoção de Lisboa como “cidade da cultura, do turismo e do lazer” (Ib.:16), como “grande alavanca de internacionalização da região em articulação, quer com a afirmação de iniciativas e estruturas de negócios, congressos, feiras e

<sup>4</sup> Disponível em: [http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/MUNICIPIO/Camara\\_Municipal/Carta\\_Estrategica/Relatorio\\_1\\_Demografia\\_Habitacao.pdf](http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/MUNICIPIO/Camara_Municipal/Carta_Estrategica/Relatorio_1_Demografia_Habitacao.pdf).

exposições, quer o desenvolvimento das indústrias criativas e culturais, quer com uma aposta de grande qualidade arquitetónica e ambiental no sector imobiliário” (Ib.:14).

A emergência de Lisboa como ‘cidade turística’ é acompanhada legislativamente pelo forte impulso da primeira liberalização do mercado de arrendamento (Decreto-lei n.º 6/2006 de 27 de Fevereiro) seguida, numa segunda fase de ainda maior liberalização com o Decreto-lei n.º 31/2012 de 31 de Agosto. Junto com este quadro geral de operacionalização do mercado imobiliário, surge o quadro legal para a criação de um mercado de Alojamento Local Turístico (Decreto-lei n.º 39/2008 de 7 de Março, e Decreto-lei n.º 128/2014 de 28 de Agosto), que incorpora isenções fiscais para os investidores. Interessa salientar a aprovação do Decreto Regulamentar n.º 15-A/2015 para a Autorização de Residência para Atividade de Investimento (ARI), que permite a dispensa de visto de residência (Visa Gold) para entrar em território nacional através – entre outras hipóteses – da aquisição de bens imóveis de valor igual ou superior a 500.000 euros, ou da aquisição de bens imóveis, cuja construção tenha sido concluída há, pelo menos, 30 anos ou localizados em área de reabilitação urbana (nomeadamente, em bairros históricos dos centros das cidades portuguesas) e realização de obras de reabilitação dos bens imóveis adquiridos, no montante global igual ou superior a 350.000 euros.

Este processo tem levado ao surgimento de novas cartografias da propriedade imobiliária em Lisboa (Montezuma e McGarrigle, 2018), revelando uma multiplicidade de formas complexas de mobilidade transnacional de pessoas e capitais que estão a reconfigurar continuamente o espaço físico e simbólico da cidade. Encontramos um fator fundamental para a análise destas reconfigurações: os mecanismos municipais de apoio financeiro para a reabilitação urbana<sup>5</sup>, nomeadamente o Instrumento Financeiro de Reabilitação e Revitalização Urbanas 2020<sup>6</sup>,

<sup>5</sup> Ver Programas de Incentivo à Reabilitação Urbana da Câmara Municipal de Lisboa (disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/reabilitacao-urbana/programas-de-incentivo-a-reabilitacao-urbana>).

<sup>6</sup> O Instrumento Financeiro de Reabilitação e Revitalização Urbanas 2020 é um instrumento financeiro destinado a apoiar investimentos em reabilitação urbana, para financiar a reabilitação integral de edifícios através de produtos financeiros com condições mais vantajosas face às praticadas no mercado, vocacionados especificamente para apoiar a reabilitação urbana. O IFRRU 2020 reúne diversas fontes de financiamento, quer fundos europeus do Portugal 2020, quer fundos provenientes de outras entidades como o Banco Europeu de Investimento e o Banco de Desenvolvimento do Conselho da Europa, conjugando-os com fundos da banca comercial (disponível em: <https://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/portugal/pt/portugal/reabilitacao/ifrru/documentos/Programa-de-acao-IFRRU2020.pdf>).

o Programa RE9<sup>7</sup> e o Programa Reabilita Primeiro-Paga Depois<sup>8</sup>. No entanto, estes mecanismos de regeneração urbana e dinamização socioeconómica têm resultados desiguais: a fixação de novos residentes fica longe de atingir um cenário consolidado no curto e meio prazo.

Todavia, entre 2001 e 2011, data dos dois últimos censos, assistiu-se a um ligeiro rejuvenescimento residencial do centro histórico da cidade (Baptista *et al.*, 2017). Mesmo com diferenças pouco acentuadas, é possível verificar que a idade média da população em algumas freguesias diminuiu em 2011 e regista-se até alguma capacidade de atração de novos residentes. As estatísticas de variação residencial desagregadas por grupo profissional – criadas a partir dos Censos da População de 2001 e 2011 – revelavam a presença crescente de novos residentes empregados em profissões liberais, intelectuais e outros quadros técnico-científicos (PLIC).

Uma análise pormenorizada do recente Recenseamento Eleitoral (QP, 2017), que exclui a população com menos de 18 anos, permite identificar algumas mudanças demográficas mais recentes nos bairros históricos do centro da cidade de Lisboa. Assim, apesar da tendência geral para a diminuição do número de eleitores, na área da Baixa, na (nova) freguesia de Santa Maria Maior, regista-se uma recuperação do número de eleitores desde 2007. O mesmo acontece nas antigas freguesias de São Paulo e Castelo, onde esta recuperação ocorre mais tarde, entre 2015 e 2016. A análise da situação demográfica do centro histórico, realizada em estudos anteriores a partir dos recenseamentos da população de 2001 e 2011 (Baptista *et al.*, 2017), permite salientar o contributo, mesmo que ligeiro, da entrada de estrangeiros para atenuar o declínio demográfico do centro histórico, assim como a sua importância para o rejuvenescimento destas áreas, uma vez que, entre os estrangeiros, o peso relativo dos jovens é superior aos indivíduos com naturalidade portuguesa. Mas esta tendência contrasta com a entrada plena da cidade no circuito turístico internacional que altera a configuração demográfica e social nos bairros históricos, como é o caso da *Airbnbização* (Richards, 2017) destes bairros que tem expulsado alguns desses “novos” residentes (Sequera e Nofre, *no prelo*).

<sup>7</sup> O Programa RE9 apresenta diferentes benefícios fiscais, isenção de taxas municipais, financiamento com condições especiais e descontos nos materiais de construção (disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/reabilitacao-urbana/programas-de-incentivo-a-reabilitacao-urbana/re9>).

<sup>8</sup> O Programa Reabilita Primeiro-Paga Depois promove a reabilitação de património municipal devoluto e em mau estado de conservação, sem recurso a capitais próprios nem aumento do endividamento; otimiza a sustentabilidade da gestão do parque habitacional, permitindo aos pequenos investidores diferir o pagamento do preço do imóvel para o final da operação de reabilitação e criando novos incentivos à economia local, através da geração de investimento diversificado no mercado da reabilitação urbana, da dinamização do setor da construção, fundamental para a manutenção e criação de novos postos de trabalho, do aumento da oferta de habitação na cidade e da captação da população para os bairros históricos (disponível em <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/reabilitacao-urbana/programas-de-incentivo-a-reabilitacao-urbana/programa-reabilita-primeiro-paga-depois>).

#### **4. Usufruto lúdico e turístico do espaço urbano: novas formas de renovação ou de rejuvenescimento da cidade?**

Na verdade, a transformação dos bairros históricos do centro da cidade de Lisboa em *touristscapes* (Mitchell e Murphy, 1991; Edensor, 2007) deve-se à existência de uma *state-led touristification* (Freytag e Bauder, 2018; Pixová e Sládek, 2017) que, ao longo da última década, tem vindo a ser acompanhada por uma crescente ludificação das áreas centrais da cidade (Baptista, 2005; Nofre, 2013; Baptista, 2016; Malet *et al.*, 2017; Nofre *et al.*, 2017, 2018). O surgimento e a consolidação de novos padrões de uso e de consumo do espaço público nos bairros históricos do centro da cidade justificam a necessidade de definir uma nova abordagem no estudo das mudanças urbanas na cidade de Lisboa. Alguns trabalhos publicados recentemente apontam, ainda que de forma algo tangencial, para a importância crucial dos jovens adultos PLIC (Profissionais Liberais, Intelectuais e Cientistas), turistas, viajantes e estudantes universitários, nos processos de revitalização dos bairros históricos do centro da capital, tais como Alfama, Baixa, Bairro Alto, Mouraria e Cais do Sodré (Mendes, 2006, 2011, 2014a, 2014b; Malheiros *et al.*, 2012; Malet-Calvo, 2013; Malet *et al.*, 2017; Nofre, 2013; Nofre *et al.*, 2016, 2017, 2018; Sánchez, 2017). Com efeito, num tempo de mobilidade generalizada associada à disponibilidade para a viagem, a cidade continua a ter uma inegável atratividade profissional e lúdica. Os jovens voltaram ao centro da cidade (embora de forma micro-temporária): bares, discotecas, quiosques, lojas de roupa, livrarias (umas com mais tradição do que outras), *ateliers* e galerias de arte, rotas turísticas... os bairros históricos do centro da cidade voltam a ser objeto de uma vibrante atividade económica e cultural. Destino turístico e destino Erasmus Europeu por excelência, a cidade de Lisboa assume-se como um grande teatro de consumo (Ritzer, 2010), de marcado carácter hedonista e juvenil. Os turistas de mochilas, os estudantes Erasmus e os estudantes universitários portugueses, junto com os jovens precários altamente qualificados, voltam a habitar ou apenas a consumir o centro da cidade. Ora, é precisamente no caso de Alfama e Bairro Alto, que podemos analisar o papel fundamental que o padrão *homo mobilis* joga na mudança das duas áreas históricas da cidade.

##### 4.1. Alfama: mercantilização, “safaris humanos” e Instagram

A Rua dos Remédios e a Rua do Vigário constituem um campo privilegiado de observação de cariz etnográfico para o estudo do impacto do *homo mobilis* em Alfama no período intercensitário em que nos encontramos. Como primeira nota de contextualização da observação de terreno importa ressaltar a proliferação de apartamentos turísticos em Alfama – 1.359

apartamentos oferecidos através do Airbnb em Maio de 2018<sup>9</sup> para um total de 3581 alojamentos familiares (INE, 2011), quando a oferta de alojamento turístico formal no bairro antes da chegada do Airbnb à cidade era de apenas dois *hostels* – a que se deve somar a presença de estudantes Erasmus residentes no bairro desde meados da década passada (Malet, 2013). O impacto destes *novos residentes móveis* em Alfama traduz-se, entre outros aspetos, na introdução de novos usos e consumos do espaço público e no seu impacto nas dinâmicas comunitárias do bairro, tais como o surgimento de bares (como o *The CorkScrew Tapas & WineBar*) onde os tradicionais petiscos portugueses são designados, ao modo espanhol, como “tapas”; ou onde o tradicional vinho tinto é substituído pelo *gin tonic*. A mudança ocorrida no bairro de Alfama e a sua rápida mercantilização correspondem à reconversão deste bairro histórico do centro de Lisboa num parque turístico urbano intimamente ligado ao consumo da “cidade vintage” ou *retroscape* (Brown e Sherry, 2003), como mecanismo de exibição e de distinção social. Neste parque turístico urbano, a mercantilização do Fado é reforçada a partir do seu reconhecimento como património imaterial da humanidade pela UNESCO (2011) e afirma-se um novo *Fadoscape* (Elliot, 2010) hedonista, classista, higienizado social, moral e politicamente, consumido de maneira significativa não só pelos turistas, viajantes e alguns estudantes Erasmus, mas também por jovens e jovens adultos lisboetas de vários estratos sociais.

Entretanto, Alfama como *retroscape* é massivamente fotografada e inclusive “instagramada” (sem esquecer a imagem com filtro de cor sépia). Para o *mobilita*, Alfama – consumida ludicamente tanto por turistas e residentes temporários, como por jovens estudantes e quadros internacionais - converteu-se num objeto de elevadíssimo valor simbólico de distinção para o registo fotográfico. Especialmente durante os meses de Primavera e Verão, Alfama enche-se de turistas, que circulam pelo bairro ou seguindo visitas guiadas a pé, em *seegway* ou em bicicleta (após a proibição da circulação dos veículos *tuk-tuk* no meio do bairro), fotografando por toda a parte, esperando conseguir aquela fotografia que capta aquele passado de miséria, sordidez e degradação urbana num presente disneyficado (Figura 2) – na expressão de A. Bryman (2004). Os vizinhos octogenários são fotografados como expressão do passado. Alfama apresenta-se como uma espécie de safari urbano, um parque de diversões móvel, tematizado em torno do Fado.

Enquanto isso, no café gerido pela Dona Fernanda, na Rua do Vigário, as cinco senhoras que todos os dias se encontram entre as nove e as onze horas da manhã mantêm uma conversa muito animada acerca do “episódio do domingo” (lit.). Uma discussão fortíssima entre uma jovem portuguesa de trinta anos e a sua vizinha septuagenária, num domingo do mês de setembro de

<sup>9</sup> Ver <https://www.airdna.co/market-data/app/pt/lisboa/lisbon/overview>.

2015 fez parar a circulação no cruzamento da Rua dos Remédios e da Rua do Vigário. Não tanto por elas, mas pelos vizinhos que vieram observar para assistir ao final do episódio do conflito originado pela discussão que a primeira mantinha via *skype* com o seu chefe. Perante a expectativa gerada, a circulação de veículos manteve-se cortada (a polícia também fazia parte do conjunto de espectadores), com a conseqüente irritação dos condutores dos veículos *tuk-tuk* e dos seus clientes turistas. Quando questionada sobre a evolução do bairro durante os últimos anos, Dona Fernanda afirmou que em cinco anos ocorreram mais mudanças que durante os quarenta e cinco anos em que viveu no bairro, chegada da margem sul para trabalhar em Lisboa: “Daqui a alguns anos, Alfama será como um grande hotel, os vizinhos de toda a vida vão morrendo e as casas vão ser para apartamentos turísticos”.

**Figura 2. Alfama, território urbano turístico**



Fonte: Jordi Nofre (2018)

Alfama aparece, portanto, como um *retroscape* caracterizado por edifícios do século XVIII que antes se encontravam num estado semi-ruinoso – em grande parte já reabilitados ou substituídos –, por pequenos bares tradicionais com cheiro a tabaco e vinho, por sociabilidades *bairristas* (Firmino da Costa, 2008) que adquirem novos significados como elementos de “autenticidade” (Belk, 2003; Zukin, 2009) e que procuram resistir adaptando-se à turistificação através da sua mercantilização como elemento fulcral desse *touristscape* vintage. No meio de uma “colonização do presente pelo passado” (Belk, 2003:23), ou de “um passado eternamente presente” (Sherry, 2003:21), a figura do *homo mobilis* emerge enquanto presença de um certo

cosmopolitismo que desafia o chamado modo de vida genuíno e único dos vizinhos de Alfama num tempo em que o bairro é (re)configurado e transformado constantemente. Eis que surge Alfama como um “outdoor hotel” como resultado da entrada em jogo do capital financeiro global (e nacional), o que tem suscitado grande contestação por alguns atores locais relevantes.

#### 4.2. *Pubcrawling* Bairro Alto: no reino do lazer urbano noturno

Historicamente identificado como bairro boémio, pela presença dos jornais e dos intelectuais e jornalistas noctívagos, o Bairro Alto tornou-se mais recentemente o núcleo emblemático do lazer noturno lisboeta que remonta à década de 1970. Mas só na década de 1980 e sobretudo na de 1990, novos modelos de lazer noturno e consumo jovem hedonista foram colonizando o bairro durante as horas noturnas (especialmente ao fim de semana), convivendo com uma população maioritariamente de classe trabalhadora, progressivamente envelhecida. Apareceram novos residentes, na sua maioria jovens adultos, com mais poder de compra do que as famílias tradicionais do bairro, que protagonizaram o primeiro processo de gentrificação (Mendes, 2006). A essa primeira gentrificação importa acrescentar a protoestudantização do Bairro Alto, que os estudantes Erasmus protagonizam a partir de 2005-2006, quando começaram a considerar o Bairro Alto, não apenas como uma área residencial de interesse pelos motivos já referidos no caso de Alfama, como também enquanto área de referência para as suas atividades de lazer noturno, pela mão de estudantes universitários locais e de grupos de jovens alternativos lisboetas, sobretudo *punks*, que se encontravam entre a esquina do Bar Mezcal e a porta do bar de *punk-rock* Boca do Inferno (Malet-Calvo *et al.*, 2017). É neste contexto que emerge um claro conflito de interesses com os habitantes de idade avançada e com baixo poder de compra que são um incómodo para o processo de internacionalização da cidade levado a cabo pelas elites locais, nacionais e transnacionais dos sectores imobiliário, turístico, de restauração e de lazer.

Nos últimos anos, o Bairro Alto vem sendo ocupado por consumidores de lazer noturno, maioritariamente (ainda que não exclusivamente) jovens e jovens adultos de diversas origens económicas, socioprofissionais, culturais, étnicas e inclusive religiosas (Malet *et al.*, 2017; Nofre *et al.*, 2016, 2017). Com efeito, a existência de uma oferta de habitações com arrendamentos muito acessíveis para estudantes Erasmus, juntamente com a possibilidade de viver num bairro lisboeta “autêntico” com bares de fado minúsculos, prostituição marginal, locais boémios e um crescente número de locais de lazer noturno dirigidos aos estudantes, levou o Bairro Alto a converter-se na principal zona de vida noturna da cidade (Malet-Calvo *et al.*, 2017). De facto, aparece como o bairro de diversão noturna por excelência de Lisboa, largamente publicitado tanto em revistas especializadas em turismo urbano e sobretudo pelo *lobby* turístico nacional: “A vida

noturna de Lisboa é conhecida como uma das mais longas e vibrantes da Europa e do mundo (...). É pelo Bairro Alto que pode começar a noite de todas as folias, em Lisboa. Depois das 22h00, o Bairro Alto transforma-se num mar de gente e de automóveis estacionados nas ruas estreitas, autênticos becos. Ali, há hipóteses de programas e diversão para todas as 'tribos', gostos e idades, num conjunto sem fim de restaurantes, bares, discotecas e casas de fado (...)” (Agência Abreu e TAP, 2013: 63). De facto, os processos de gentrificação e estudantização do Bairro Alto foram acompanhados por uma mais recente, rápida turistificação do espaço urbano do bairro, situando a cidade no circuito internacional de turismo urbano (Nofre *et al.*, 2017).

Como se se tratasse de uma comédia vitoriana, a cena urbana no Bairro Alto muda de modo substancial quando se põe o sol. O bairro familiar onde a vida comunitária assume a rua como espaço de (re)produção social e cultural dá lugar à abertura, dia sim dia sim, de um parque temático de lazer noturno caracterizado pela presença – sobretudo aos fins de semana e especialmente durante a época estival – de milhares de pessoas em busca de diversão. É durante a noite que “o corpo, o sexo e o prazer são frequentemente definidos sem uma existência mental ou social antes de anoitecer, quando as proibições que sofrem durante o dia, durante as atividades ‘normais’, são suspensas” (Lefebvre, 1991[1974]: 319-320). Simultaneamente, no trecho da Rua da Atalaia definido pela intersecção de Rua da Atalaia com a Travessa da Queimada e a Travessa do Poço encontram-se estudantes universitários portugueses e estrangeiros em grandes grupos, turistas nórdicos desenfreados pelo preço do álcool, despedidas de solteiro e de solteira, espanhóis ou ingleses que vêm passar o fim de semana, etc.

**Figura 3. Rua Atalaia, vida noturna e convívio no espaço público no Bairro Alto**



Fonte: Jordi Nofre (2015)

À semelhança de outras estâncias turísticas da Europa, como Bulgária ou Espanha (Tutenges, 2009, 2012, 2015), a vida noturna neste bairro da capital portuguesa surge como uma “máquina que fabrica energia emocional para as massas” (Tutenges, 2012:132). A noite urbana no Bairro Alto aparece, portanto, como um espaço-tempo no qual as experiências vividas dos *partiers* são mercantilizadas e fazem parte – em terminologia Lefebvriana – da produção e (re)produção de modos alternativos de existência contrários à opressiva rotinização do trabalho, evocando a alegria e estimulando o *fora-do-ordinário* (Nofre e Malet-Calvo, 2018). Os ambientes noturnos podem ser entendidos como campos de força de energia emocional nos quais se vão produzindo, reproduzindo e consumindo evasões micro-espaciais e temporais para as suas vidas quotidianas (às vezes precárias, incertas) no meio de uma paisagem noturna neoliberal hipersecurizada (Nofre e Martins, 2017).

## **5. Lisboa visitada, lisboa habitada: repensar a cidade turística**

Este artigo apresenta algumas reflexões em torno da mobilidade e do turismo como fatores centrais das intensas mudanças que se tem verificado no centro de Lisboa nos últimos anos, com especial relevância nos bairros de Alfama e Bairro Alto. Nesse sentido, a análise pretende contribuir para uma futura agenda de investigação que vise uma melhor e mais aprofundada compreensão dos impactos sociais, espaciais e económicos das políticas públicas de turistificação e ludificação do espaço urbano como estratégia central de revitalização socioeconómica dos bairros históricos centrais da ‘Lisboa pós-recessão’. Mas, enquanto as políticas de cariz neoliberal de turistificação do centro da cidade têm tido como resultado – entre outros – uma progressiva expulsão da população local (além de uma reduzida capacidade de rejuvenescimento) dos bairros históricos do centro da cidade<sup>10</sup>, a recente expansão e mercantilização do lazer e do turismo em bairros históricos do centro da capital portuguesa permite verificar como o usufruto jovem da cidade cresce, embora de natureza fundamentalmente temporária e associada à dicotomia dia/noite, às atividades académicas, turísticas, lúdicas ou recreativas. Este paradoxo entre o enfraquecimento progressivo do peso da população jovem residente na cidade de Lisboa e o aumento da população jovem visitante/usufrutuante da cidade coloca novos desafios aos decisores públicos. Se parece ser importante que a cidade mantenha a

<sup>10</sup> Neste ponto deve se sublinhar a falta de estatísticas de natureza censitária atualizadas anualmente, o que dificulta a análise e a monitorização do impacto espacial, social, económico e cultural dos processos de mudança urbana que nos últimos anos assumiram uma intensidade notável nos bairros históricos do centro de Lisboa.

sua ocupação lúdica jovem, mesmo que temporária, de que modo se pode articular o usufruto lúdico e turístico com uma ocupação mais duradoura e sustentada baseada no ‘direito à cidade’?

O papel da administração pública local foi, sem dúvida, determinante na promoção da turistificação de Lisboa e nos processos de estudantização e de ludificação dos bairros históricos da cidade. Contudo, estas mudanças estão na origem de novas formas de uso do espaço urbano, muitas vezes geradoras de conflitos entre ‘velhos’ e ‘novos’ usos que obrigam a repensar a ação pública e a equacionar igualmente a regeneração e a reabilitação. A evidente estratégia municipal de turistificação, assente em medidas facilitadoras dos investimentos turísticos que promovem o aumento de visitantes, obriga por isso a repensar as políticas públicas para garantir a qualidade de vida dos já aqui residentes. Por outras palavras, obriga quer os decisores municipais, quer a academia, quer ainda o conjunto dos cidadãos, a repensar Lisboa como cidade experienciada, visitada, mas simultaneamente cidade habitada.

### **Agradecimentos**

Este trabalho contou com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal (SFRH/BPD/108458/2015).

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADMINISTRAÇÃO DO PORTO DE LISBOA (2006, 2014, 2016), *Tráfego de Cruzeiros, Relatório de Actividade 2006, 2014, 2016*. [Consult. a 28.05.2018]. Disponível em: [http://www.portodelisboa.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_PORTO\\_LISBOA/CRUZEIROS/ESTATISTICAS](http://www.portodelisboa.pt/portal/page/portal/PORTAL_PORTO_LISBOA/CRUZEIROS/ESTATISTICAS).

AMAR, Georges (2010), *Homo mobilis Le nouvel âge de la mobilité. Éloge de la reliance*. Limoges, FYP Editions.

ASHWORTH, Gregory.; PAGE, Stephen. J. (2011), “Urban tourism research: Recent progress and current paradoxes”, *Tourism Management*, 32.1, 1–15 doi:10.1016/j.tourman.2010.02.002.

BAPTISTA, Luís (2005), “Territórios Lúdicos (e o que torna lúdico um território): ensaiando um ponto de partida”, *Fórum Sociológico*, n.º 13/14 (2ª série), pp. 47-58.

- (2016), “A dimensão lúdica da cidade: uma perspectiva de análise a propósito da programação global de lugares para o entretenimento urbano”, in Augusto, N.M. (org.) *Sociedade em Debate*, Braga, Húmus, pp. 349-363.

BAPTISTA, Luís; JORGE, Rosário; NOFRE, Jordi (2017), “As dinâmicas de residência e de usufruto lúdico da população jovem na cidade de Lisboa”, in *Atas IX Congresso Português de Sociologia*, Faro, Universidade do Algarve, 6-8 Julho 2016, Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, pp. 1-15. Disponível em: [http://www.aps.pt/ix\\_congresso/docs/final/COM0227.pdf](http://www.aps.pt/ix_congresso/docs/final/COM0227.pdf).

BAPTISTA, Luís Vicente; NOFRE, Jordi; JORGE, Maria do Rosário (2018), “Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 14-32

BARATA-SALGUEIRO, Teresa; MENDES, Luís; GUIMARÃES, Pedro (2017), “Tourism and urban changes: lessons from Lisbon”, in M. Gravari-Barbas e S. Guinand (eds), *Tourism and Gentrification in Contemporary Metropolises. International Perspectives*, New York, Taylor & Francis, pp. 255-275.

BASU, Kaushik; MARG, Vikram S. (2010), “Impact of political instability and terrorism in the tourism industry of three Middle-East countries: An Econometric exploration”, in *International Conference on Tourism, Transport & Logistic*. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/ef60/6fbd64b50807c84713b9417547b9623816d3.pdf>.

BELK, Russel. W. (2003), “The Sims and the retro future”, in S. Brown, J. F. Sherry Jr (eds.), *Time, space, and the market: Retrosapes rising*, New York, Routledge, pp. 35-53.

BROWN, Stephen; SHERRY Jr, John F. (eds.) (2003), *Time, space, and the market: Retrosapes rising*, New York, Routledge.

BRYMAN, Alan (2004), *The Disneyization of society*, New York, Sage.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (2010), *Relatório 4 – Desenvolvimento Económico. Estratégia para a Reabilitação Urbana em Lisboa 2011-2024*, Lisboa, CML.

- (2012), *Programa Estratégico LX-Europa2020 – Lisboa nos Próximos Programas Comunitários*, Lisboa, CML.

CÓCOLA-GANT, Agustin (2018), “Tourism gentrification”, in L. Lees and M. Phillips (eds.), *Handbook of Gentrification Studies*, Cheltenham and Northampton, UK, Edward Elgar Publishing, pp. 281-293.

- (2016), “Holiday rentals: The new gentrification battlefield”, *Sociological Research Online*, 21(3), pp.1-9.

COLOMB, Claire; NOVY, Johannes (eds.) (2017), “Contemporary geographies of leisure, tourism and mobility”, in *Protest and resistance in the tourist city*, London, Routledge.

DMPU-Departamento de Planeamento Urbano (2009). *Relatório do Estado do Ordenamento do Território*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em: [www.habitacao.cm-lisboa.pt](http://www.habitacao.cm-lisboa.pt).

EDENSOR, Tim (2007), “Mundane mobilities, performances and spaces of tourism”, in *Social & cultural geography*, 8(2), pp. 199-215.

ELLIOT, Richard (2010), *Fado and the Place of Longing: Loss, Memory and the City*, Farnham, Ashgate.

FIRMINO da COSTA, António (2008), *Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*, Oeiras, Celta.

FLAMM, Michael; KAUFMANN, Vincent (2006), “Operationalising the concept of motility: a qualitative study”, *Mobilities*, 1(2), pp.167-189.

FREYTAG, Tim; BAUDER, Michael (2018), “Bottom-up touristification and urban transformations in Paris”, *Tourism Geographies*, 20(3), pp. 443-460.

FÜLLER, Henning; MICHEL, Boris (2014), “‘Stop being a tourist!’ New dynamics of urban tourism in Berlin-Kreuzberg”, *International Journal of Urban and Regional Research*, 38(4), pp.1304-1318.

JUDD, Dennis R.; FAINSTEIN, Susan S. (eds.) (1999), *The tourist city*, New Haven, CT, Yale University Press.

BAPTISTA, Luís Vicente; NOFRE, Jordi; JORGE, Maria do Rosário (2018), “Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 14-32

KAUFMANN, Vincent; BERGMAN, Manfred M.; JOYE, Dominique (2004), “Motility: mobility as capital”, *International Journal of Urban and Regional Research*, 28(4), pp. 745-756.

KNAFOU, Rémy (2012), *Les lieux du voyage [The Place of Voyage]*, Paris, Le Cavalier Bleu.

LEFEBVRE, Henri (1991[1974]), *The production of space*, Oxford, Blackwell.

MALET-CALVO, Daniel (2013), “Procesos de revalorización patrimonial en el barrio de Alfama: el papel de los estudiantes Erasmus en la tematización de la ciudad”, *Etnográfica*, 17(1), pp. 31–50.

MALET-CALVO, Daniel; NOFRE, Jordi; GERALDES, Miguel (2017), “The Erasmus Corner: place-making of a sanitised nightlife spot in the Bairro Alto (Lisbon, Portugal)”, *Leisure Studies*, 36(6), pp. 778-792.

MALHEIROS, Jorge; CARVALHO, Rui; MENDES, Luís (2012), “Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, (1), pp. 97-128.

MENDES, Luís (2006), “Nobilitação urbana no Bairro Alto: análise de um processo de recomposição socio-espacial [Gentrification in Bairro Alto: An analysis of a socio-spatial reshaping process]”. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/1741>.

- (2011), “Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado”, *Cadernos Metrópole* 26, pp. 473-495.

- (2014a), “Da gentrificação marginal enquanto movimento urbano crítico: Evidências empíricas de um bairro histórico de Lisboa, Bairro Alto”, *Revista Iberoamericana de Urbanismo* 9, pp. 29-46.

- (2014b), “Gentrificação e políticas de reabilitação urbana em Portugal: uma análise crítica à luz da tese *rent gap* de Neil Smith”, *Cadernos Metrópole* 32, pp. 487-511. doi: 10.1590/2236-9996.2014-3209.

- (2018), “The Panacea of Touristification as a Scenario of Post-Capitalist Crisis”, in I. David (ed.), *Crisis, Austerity, and Transformation: How Disciplinary Neoliberalism Is Changing Portugal*, Lanham, MA, Lexington Books, pp. 25-48.

MITCHELL, Lisle S.; MURPHY, Peter E. (1991), “Geography and tourism”, *Annals of Tourism Research* 18.1, pp. 57-70.

MONTEZUMA, Joaquim; MCGARRIGLE, Jennifer (2018), “What motivates international homebuyers? Investor to lifestyle ‘migrants’ in a tourist city”, *Tourism Geographies*, doi: 10.1080/14616688.2018.1470196.

NOFRE, Jordi (2013), “Vintage Nightlife: Gentrifying Lisbon downtown”, *Fennia* 191.2, pp.106–121.

NOFRE, Jordi *et al.* (2017), “Exploring nightlife and urban change in Bairro Alto, Lisbon”, in *City & Community*, 16 (3), pp. 330-344.

NOFRE, Jordi *et al.* (2018), “The ‘Pink Street’ in Cais do Sodré: Urban change and liminal governance in a nightlife district of Lisbon”, *Urban Research & Practice*, doi: 10.1080/17535069.2018.1449010.

NOFRE, Jordi; MALET-CALVO, Daniel (2018), “Pubcrawling Lisbon: Nocturnal Geoethnographies of Bairro Alto”, in Giacommo Botta and Geoff Stahl (eds.), *Nocturnes: Popular Music and the Night*, New York, Palgrave Mac Millan (*in press*).

NOFRE, Jordi; MALET-CALVO, Daniel; CASSAN, Adán; WODZINSKA, Sylwia (2016),

BAPTISTA, Luís Vicente; NOFRE, Jordi; JORGE, Maria do Rosário (2018), “Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 14-32

“Club Carib: A geoethnography of (self)seduction in a dancing bar of Bairro Alto, Lisbon”, *Social & Cultural Geography* 17.

NOFRE, Jordi; MARTINS, João C. (2017), “The Disneyzation of the neoliberal urban night”, in P. Guerra; T. Moreira (eds.), *Keep it Simple Make it Fast! An approach to underground music scenes* (vol. 3), Porto, Universidade do Porto, pp. 113-124.

PIXOVÁ, Michaela; SLÁDEK, Jan (2017), “Touristification and awakening civil society in post-socialist Prague”, in C. Colomb and J. Novy (eds), *Protest and resistance in the tourist city, Contemporary geographies of leisure, tourism and mobility*, London, Routledge, pp. 73-89.

AGÊNCIA ABREU e TAP PORTUGAL (2013). *Portugal Único*, Lisboa, Agência Abreu & TAP Portugal.

QUATERNAIRE PORTUGUESA (2017), *Estudo sobre as Novas Dinâmicas Residenciais, Económicas e Urbanísticas no Centro Histórico de Lisboa*. [Consult. a 28.05.2018]. Disponível em: <https://www.jf-santamariamaior.pt/wp-content/uploads/2018/04/Enquadramento-e-diagnostico.pdf>.

RATH, Jan (2005), “Feeding the festive city. Immigrant entrepreneurs and tourist industry”, in E. Guild, J. van Selm (eds.), *International migration and security. Opportunities and challenge*, New York, London, pp. 238-23.

RICHARDS, Greg (2017), “Sharing the new localities of tourism”, in D. Dredge y S. Gyimóthy (eds), *Collaborative Economy and Tourism: Perspectives, Politics, Policies and Prospects*, New York, Springer, pp. 169-184.

RITZER, George (2010), *Enchanting a disenchanted world: Continuity and change in the cathedrals of consumption*, Los Angeles, Pine Forge Press.

ROBERTS, Peter; SYKES, Hugh; GRANGER, Rachael (eds.) (2016), *Urban regeneration*, New York, Sage.

SÁNCHEZ, Iñigo (2017), “Mapping out the Sounds of Urban Transformation: The Renewal of Lisbon's Mouraria Quartier”, *Toward an Anthropology of Ambient Sound*, New York, Routledge.

SEQUERA, Jorge; NOFRE, Jordi “Exploring urban change, transnational gentrification and social displacement in touristified Lisbon”, *Urban Studies (no prelo)*.

SHERRY Jr, John F. (2003), “Bespectacled and bespoken: Gazing from throne zone to five o'clock and head”, in S. Brown and J. F. Sherry Jr (eds.) *Time, space, and the market: Retrosapes rising*, New York, Routledge, pp. 19-34.

TUTENGES, Sébastien (2009), “Safety problems among heavy-drinking youth at a Bulgarian nightlife resort”, *International Journal of Drug Policy*, 20(5), pp. 444-446.

- (2012), “Nightlife tourism: A mixed methods study of young tourists at an international nightlife resort”, *Tourist Studies*, 12(2), pp. 131-150.

- (2015), “Pub crawls at a Bulgarian nightlife resort: A case study using crowd theor”, *Tourist Studies*, 15(3), pp.283-299.

ZUKIN, Sharon (2009), *Naked city: The death and life of authentic urban places*, New York, Oxford University Press.

BAPTISTA, Luís Vicente; NOFRE, Jordi; JORGE, Maria do Rosário (2018), “Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 14-32

**Luís Vicente Baptista. (Autor de correspondência)** CICS.NOVA Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Lisboa, Portugal). Universidade NOVA de Lisboa (Lisboa, Portugal). Endereço de correspondência: Avenida Berna 26-C, Ed. ID, Sala 3.14, 1069-061 Lisboa, Portugal. Email: luisv.baptista@fcsb.unl.pt

**Jordi Nofre.** CICS.NOVA Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Lisboa, Portugal). Universidade NOVA de Lisboa (Lisboa, Portugal). Endereço de correspondência: Avenida Berna 26-C, Ed. ID, Sala 3.14, 1069-061 Lisboa, Portugal. Email: jnofre@fcsb.unl.pt

**Maria do Rosário Jorge.** CICS.NOVA Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Lisboa, Portugal). Universidade NOVA de Lisboa (Lisboa, Portugal). Endereço de correspondência: Avenida Berna 26-C, Ed. ID, Sala 3.14, 1069-061 Lisboa, Portugal. Email: jmrg@fcsb.unl.pt

Artigo recebido em 2 de agosto de 2018. Aprovado para publicação em 29 de setembro de 2018